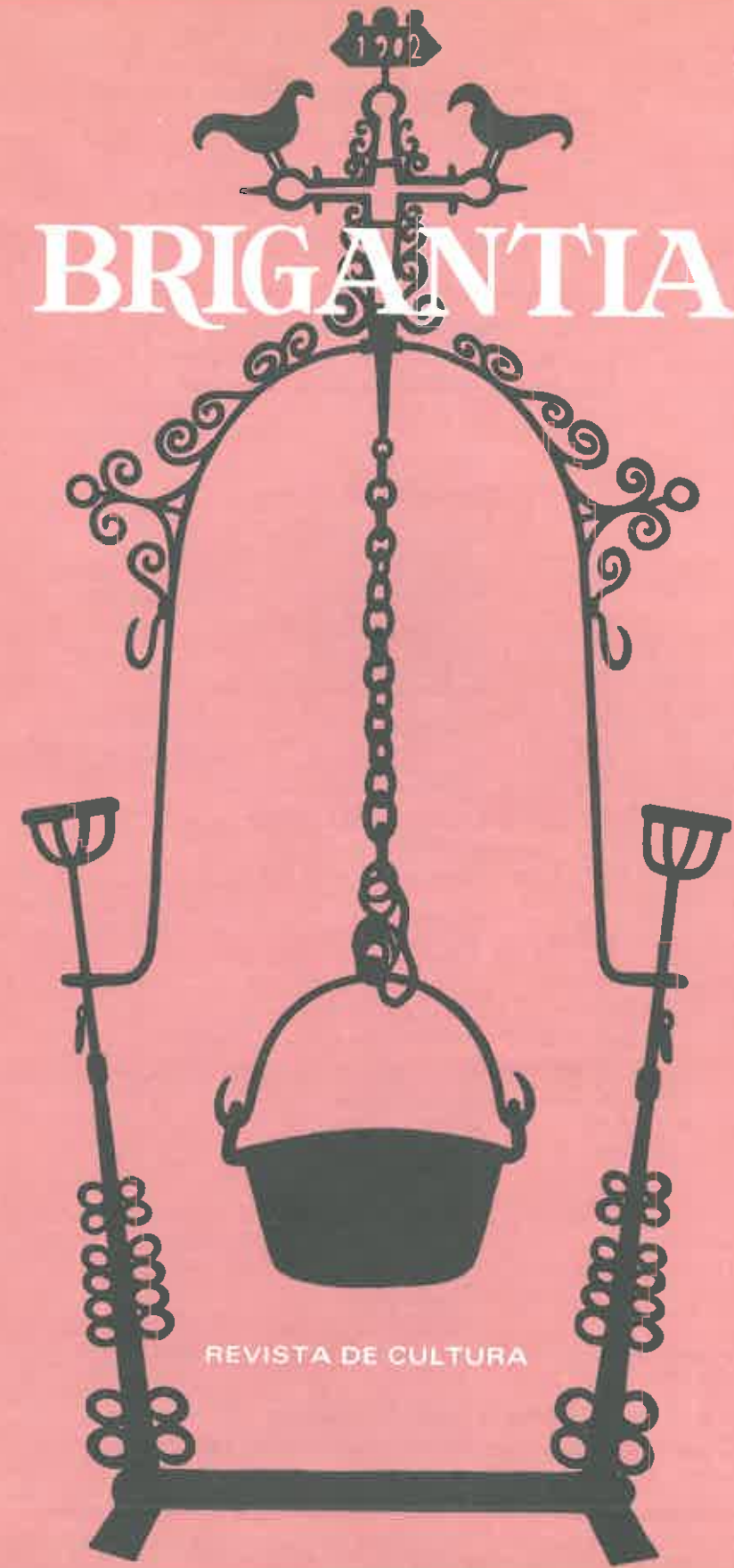


BPT

BRIGANTIA



REVISTA DE CULTURA



Dados biográficos dos colaboradores de *Brigantia*

JOSÉ MANUEL PEDROSA

Ano e lugar de nascimento: 1965, Madrid. Licenciatura: Filologia Hispânica (Madrid, 1988). Memória de doutoramento: *La contribución hispánica moderna al cancionero sefardí de Oriente* (Madrid, 1991). Doutorando dentro das equipas de investigação do Departamento de Estudos Sefarditas do CSIC e da Cátedra — Seminário Menéndez Pidal de Madrid.

Publicações:

«La canción tradicional sefardí de *El mancebo enamorado*», en *Actas del III Congreso Internacional del Misgav Yerushalayim Institute (Jerusalén, 1988)*.

«Los fondos documentales de poesía tradicional sefardí en el Archivo Folklórico de la Radiodifusión Israelí», en *Actas del III Congreso Internacional de las Tres Culturas (Valladolid, 1991)* (en prensa).

«El romance lírico de *El rondador sediento* en las tradición oral hispánica», *Revista de Folklore* (Valladolid), n.º 129 (1991).

«Una canción popularizante de don Luis Montoto y Rautenstrauch, tradicional entre los sefardíes de Oriente», *Revista de El Folk-Lore andaluz* (Sevilla), n.º VII (1991).

«Oraciones y conjuros tradicionales de Miajadas (Cáceres)», *Revista de Estudios Extremeños* (Badajoz) (en prensa).

Edición crítica integral de las 'Coplas sefardíes' de Alberto Hamsi (con Edwin Seroussi, Susana Welch-Shahak, Paloma Diaz Mas y otros) (en prensa).

ANTÓNIO JÚLIO ANDRADE

44 anos, natural de Felgueiras, Moncorvo, Funcionário da Câmara Municipal, técnico adjunto de BAD. Seminarista em Bragança, concluiu o 2.º ano de Teologia. Matriculado em Filosofia na Universidade do Porto, foi cumprir o serviço militar em Angola, como Alferes. Escreveu ai um ensaio («Silabas de Barro»). Publicou um trabalho monográfico sobre a sua aldeia («Conhecer Felgueiras»). Colaborador de *Brigantia* onde publicou: «Uma Villa Romana em Vale dos Ferreiros» e «Torre de Moncorvo - Notas Toponímicas»: Em 1987 foi o vencedor nacional dos «Prémios Conservação da Natureza e do Património Cultural», Instituídos pelas Secretarias de Estado do Ambiente e da Cultura.

MANUEL DA COSTA FONTES

É professor catedrático de espanhol e português na Universidade Estatal de Kent, Ohio (E.U.). Bolseiro do National Endowment for the Humanities (Washington, D.C.) e da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, coligiu e publicou cinco colecções de romances populares portugueses. Trabalha actualmente na edição de três tomos de contos populares coligidos entre os emigrantes portugueses da América do Norte (Califórnia, Nova Inglaterra, Canadá), e no estudo de orações criptojudias, *La Celestina* (1499), e *La Lozana andaluza* (1528).

ASFOGUEIRO (Postal ilustrado do de de Baçal de Bragança, a quem devida vénia para a reprodução)

agem: 1350 exemplares

Solicita-se permuta

On prie l'échange

Echange wanted

Solicitiamo intercambio

ador de *Brigantia* em Espanha:

BRERIA RELIGIOSA

Carrión, 21 — Teléfono 513424

Z A M O R A

PREÇÁRIO

RA ANUAL 2000\$00

IRO 4000\$00

AOS ESTIMADOS ASSINANTES A
NO PAGAMENTO DAS ASSINATURAS

BRIGANTIA

REVISTA DE CULTURA

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

DIRECTOR
BELARMINO AFONSO

EDITOR E PROPRIETÁRIO
ASSEMBLEIA DISTRITAL

ADMINISTRADOR
ASSEMBLEIA DISTRITAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SECRETARIA DA ASSEMBLEIA
DISTRITAL

ARQUIVO DISTRITAL
Apartado 125 — Telef. (073) 28260
5300 BRAGANÇA

Execução gráfica
TIPOGRAFIA LOUSANENSE, LDA.
Rua da Imprensa — Telef. 991229
3200 LOUSÁ

Depósito legal n.º 24080/88

SUMÁRIO

Sobre o romanceiro transmontano: uma recente colheita por Manuel da Costa Fontes	p. 3-19
Dicionário histórico dos arquitectos, mestres de obras e outros construtores da vila de Torre de Moncorvo por António Júlio Andrade	p. 21-48
Caminhos transmontanos de peregrinação a Compostela por Ariindo de Magalhães Ribeiro da Cunha e Maria Manuela Neves Alves	p. 49-79
El pseudorromance sefardí de <i>la medienda de ciegos</i> y una canción de danza hispano-portuguesa por José Manuel Pedrosa	p. 81-91
A última lição ou jubilação de Aníbal Augusto Varizo, professor efectivo da E. Sec. Emídio Garcia — Bragança por Aníbal Varizo	p. 93-119
Uma ara votiva romana identificada na capela da Senhora da Ribeira por Francisco Sande Lemos e José d'Encarnação	p. 121-125
A carta do conelho de Noura e Murça passada em nome de D. Sancho II (1224) por António Luís Pinto da Costa	p. 127-134
O lançamento das bases de um estado moderno: as reformas administrativas e judiciais do liberalismo português por Aureliano Barata	p. 135-152
Peredo de Castelhanos — subsídios para a sua história por Maria Isabel Alves Baptista	p. 153-159
Algumas famílias de Vila Fior e seu termo — V por Luís Filipe de Campos	p. 161-171
Páscoa 91, em Vila Arçã por Híronidino Fernandes	p. 173-191
Noticiário Cultural	p. 193-200

BRIGANTIA	BRAGANÇA	VOL. XI	N.º 3-4	P. 1-200	JULHO-DEZEMBRO/91
-----------	----------	---------	---------	----------	-------------------

CAMINHOS TRANSMONTANOS DE PEREGRINAÇÃO A COMPOSTELA

ARLINDO DE MAGALHÃES RIBEIRO DA CUNHA
MARIA MANUELA NEVES ALVES

I — CAMINHOS TRANSMONTANOS DE PEREGRINAÇÃO A COMPOSTELA

1. **Trás-os-Montes** é uma província com fronteiras praticamente fixadas desde os inícios da nacionalidade, duas naturais e uma política: a ocidente, a cordilheira formada pelas serras do Gerês, Barroso, Cabreira, Alvão e Marão; a sul e a leste, o rio Douro, «um grande desfiladeiro»; a norte, a fronteira que, com custo aqui e ali, a tradição histórica acabou por consagrar.

Mas todo o território está profundamente marcado por outras serranias: Larouco, Coroa e Montezinho a Norte, Nogueira, Bornes e Mogadouro a Leste, por fim Falperra, Santa Comba e Padrela formando estas como que um triângulo cuja base assentaria em Vila Pouca de Aguiar e Mirandela e o cume em Chaves. Ladeando estas serranias, ou subindo-as e descendo-as quando de todo em todo a solução se apresentava como única, foram aparecendo os caminhos.

De início, só o homem, «o mais antigo dos veículos»⁽¹⁾ se deslocava, por razões fundamentalmente de ordem demográfica, económica ou religiosa⁽²⁾, a pé e por «caminhos de pé posto». Mais tarde surgiram as montadas e, com a invenção da roda, os carros de toda a espécie e, logo a seguir, os caminhos verdadeiramente ditos. A circulação dos exércitos e o desenvolvimento da economia, primeiro a necessidade de fazer circular os produtos da terra, mas depois também os mineiros, levariam ao aperfeiçoamento das vias de comunicação.

No princípio, antes das estradas propriamente ditas, eram os rios. Por eles transitavam pessoas e bens, também culturais. Mas a província de Trás-os-Montes não os tem navegáveis, com excepção do Douro, a sul, utilizado sobretudo desde que foi implementada a cultura do vinho que era preciso escoar para o mar. No entanto, alguns outros rios importantes atravessam o território, todos eles, grosso

(1) Michel Mollat e Jehan Desanges — *As Rotas Milenares*, Edições Inapa, Lisboa, 1989, p. 13.

(2) Id., p. 7.

modo, de Norte para Sul, pendendo embora para Ocidente, pois são afluentes do Douro: o Sabor, o Tua, o Pinhão, o Corgo e o Tâmega. Havendo provocado forte erosão nas regiões que conseguiram romper, acabaram por abrir zonas de passagem mais fácil onde, em muitos casos, tarde ou cedo, se construíram pontes, que, progressivamente, em muitos casos, substituíram antigas e perigosas barcas de passagem e poldras de todo o género.

2. *Quis it facit itinerarium.*

No princípio, não havia **caminhos**, no sentido positivo que hoje damos a esta palavra, de vias construídas por mãos e engenho do homem.

No princípio, a passagem frequente e normal de homens e animais por um mesmo lugar criava a senda. E ela só se transformava em caminho digno desse nome quando o homem, juntando o labor das mãos ao dos pés, lhe tornava o piso mais resistente, contruía muros de suporte, facilitava o escoamento das águas pluviais ou outras, edificava pontes que possibilitassem a travessia de rios ou até desfiladeiros, lhe suavizava as encostas e construía calçadas.

Estávamos, então sim, na presença de um verdadeiro caminho. Esta palavra, derivada do baixo latim *camínus*, tem a sua origem no substantivo celta *camen* (de *cam*, passo), e designava uma construção de terra batida por onde se transitava habitualmente de um ponto a outro.

Só mais tarde os romanos começaram a construir as suas famosas e tecnicamente evoluídas estradas a ligar praticamente todos os lugares importantes do Império, senhores que eram de uma técnica avançada e notável capacidade de execução.

Mas temos, portanto que tanto a palavra latina *itinerarium* como a (originariamente) celta *camínus* dão primazia ao viandante ou caminheiro (*quis it*) mais que ao caminho ou via construídos.

De facto, é o que caminha que faz um caminho, em frente, que faz um processo (de *pro* + *cedere*, isto é, andar em busca ou procura de). Quem caminha quer atingir um fim, um objectivo determinado, em busca de seu ócio ou negócio, de sua devoção ou paixão, porque «Circular não é um fim em si mesmo. Toda a circulação tem um ponto de partida em direcção a um destino escolhido»⁽³⁾.

Era a pé, fundamentalmente, que os peregrinos demandavam Compostela, fosse por opção, fosse por falta de recursos que possibilitassem outra solução. Como tal, dispensavam muitas vezes as estradas existentes: cortavam sim a direito, procurando o trajecto mais curto, por veredas e atalhos, atravessando serranias e vales, esquecendo vias mais seguras, orientando-se mesmo pelas estrelas e pelo sol para não perderem o norte. Mas, se o faziam na pressa de chegar ao túmulo do Apóstolo, não deixavam no entanto de servir-se também de caminhos construídos.

Estes eram, em Portugal, ao longo da Idade Média, fundamentalmente os romanos ainda existentes ou já transformados, ou os que, entretanto, se tinham

⁽³⁾ Michel Mollat e Jehan Desanges, op. cit., p. 6.

construído, raros, fracos e poucos. Ainda no séc. XVIII, em Portugal, «os itinerários romanos continuam a ser utilizados. Se bem que numa extensão considerável novas estradas tenham sido abertas ao longo dos séculos, mercê da constituição de novos povoados, de razões de natureza económica, política e em muitos casos, de necessidade de defesa, as linhas dominantes do tráfego terrestre continuam ainda a ser as traçadas pelos romanos, talvez pela importância que elas terão tido na configuração do território»⁽⁴⁾.

No entanto, muitas vezes, por causa da peregrinação a Compostela ou por outras razões (os ócios e negócios, as paixões e devoções de todos os tempos), continuavam a utilizar-se outras sendas ou itinerários, surgidos por força dos passos frequentes e muitos, itinerários mais rápidos, mais a direito, nem sempre mais fáceis de fazer (*ire*), e às vezes desviados a outros lugares sobretudo de devoção e acolhimento (santuários e mosteiros, nomeadamente), muitos deles chegados aos nossos dias ou mesmo transformados posteriormente em caminhos ou até estradas relativamente modernas.

Ao estudar os caminhos de Santiago, nomeadamente em Portugal, é preciso ter tudo isto em conta.

E dizemos caminhos porque, entre nós, não há um Caminho de Santiago, há caminhos utilizados para muitas finalidades e também em demanda do túmulo do Apóstolo.

Determiná-los é o objectivo. Porque o intenso trânsito de peregrinos compostelanos deixou inequívocas marcas da sua passagem.

Quais, como e porquê?

A **rede viária transmontana medieval** — como acima dizemos — assentava praticamente na que fora construída pelos romanos. Estava, é certo, degradada e em alguns pontos mesmo destruída quer por força das invasões de bárbaros e árabes, quer pela acção do tempo. Mas, quando assim, persistiam ainda os seus traçados na maior parte dos casos, aqui e ali «rectificados» já.

Quando surgiram as frequentes peregrinações a Compostela foram estes fundamentalmente os caminhos utilizados.

A sua lógica era bem diferente da actual: o mais a direito possível, sem grandes subidas nem grandes descidas, a meia encosta quase sempre, nunca cortando veigas agrícolas, venciam no entanto rapidamente um obstáculo inevitável, por grandes desníveis que apresentasse. Por esta sua lógica é que, muitos deles subsistiram até aos nossos dias, quantas vezes sobre eles se tendo construído as modernas estradas asfaltadas.

E foi de resto nas suas margens que, ao longo dos séculos foram surgindo as Vendas, os Mosteiros (muitas vezes Mosteirões) e os Paços, as Albergarias, as Estalagens e as Pousadas, as Fontes, os Hospitais, as Gafarias, os Hospícios e os Mesões, bem como as Vilas Novas, os Alcouces e os Arcozelos, as Feiras e os Grijós,

⁽⁴⁾ Artur Teodoro de Matos — *Transportes e Comunicações em Portugal, Açores e Madeira (1750-1850)*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1980, 1.º Volume, p. 28.

as Moimentas, ou ainda — a noticiar a passagem in loco de uma antiga via — os lugares chamados Calçada, Cale, Caminho, Carreira, Cruz, Estrada, Parada (ou Paradela), Passagem, Passo ou Passos, Rua, Semitela, Sendim (e seus derivados). Aqui e ali, uma Ponte Nova era edificada em substituição de uma outra mais antiga ou já caída.

Mas outros topónimos como Aldeia, Burgo (ou Burga), Caria, Cidadelhe, Granja, Póvoa ou Vila, «Nova» ou não, com ou sem antropónimos possessivos de origem romana ou germânica, sueva ou visigoda, ou com qualificativos (Verde, Boa, Franca, Meã, Chã, Real, Cova, Pouca), dão também notícia de antigas povoações certamente surgidas ao longo de velhos caminhos.

Alguns topónimos permitem ainda constatar-se como certos caminhos não podiam evitar as serranias: Cume, Cumiada e Cumieira, Portela, Portelinha ou Porto lá estão a dizê-lo. Também os rios eram obstáculos a vencer: daí as povoações com o nome de Ponte, Passagem, Barco (Barca) ou Barqueiros.

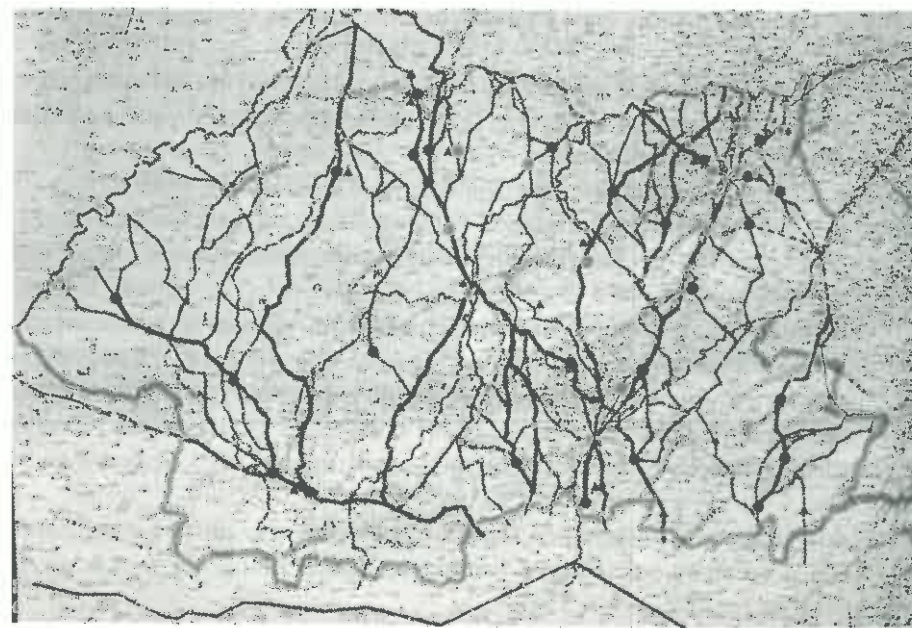
3. O estudo quer da toponímia quer particularmente da hagiotoponímia de Santiago, bem ainda de tantas outras manifestações jacobéias diz-nos também quais as rotas mais utilizadas pelos peregrinos portugueses de Compostela.

Os hagiotopónimos medievais dão-nos sempre notícia de um antigo lugar de culto da invocação em causa.

Os mais antigos referem fundamentalmente os mártires da Igreja primitiva⁽⁵⁾. O que se não estranha. Só mais tarde seriam substituídos pelos «confessores», monges nomeadamente. A partir no entanto da «descoberta» do túmulo do Apóstolo na Galiza e, sobretudo, de a peregrinação a Compostela se ter implementado, começaram a surgir em muitos lugares paróquias e capelas dedicadas a Santiago. Uma análise sumária da sua localização leva-nos à conclusão imediata de que todas se situam em lugares de passagem destes antigos caminhos, de origem romana ou não. A devoção a Santiago surgiu portanto não como uma devoção de substituição, sucedânea de antigos cultos pagãos, que tivesse conservado os velhos lugares religiosos; os lugares do culto jacobeu nunca se situam de facto no alto dos montes⁽⁶⁾, mas sempre em lugares de passagem normal.

De facto, espalhadas por todo o território transmontano, há inúmeras referências a Santiago, explícitas umas, implícitas outras, toponímicas, monumentais, culturais, assistenciais ou doutra ordem. Entre todas elas, há uma ligação real que só se entende se estudados os caminhos medievais da província: porque todas elas são memórias

documentais do trânsito de peregrinos compostelanos. As igrejas paroquiais, as capelas, as imagens, os lugares, as albergarias e outros «hospitais», as pontes, as feiras, as festas, as próprias fontes, morgadios, pedras de armas, rifões e lendas, tudo referido ao Apóstolo, são de facto memórias de uma realidade importante do passado: as peregrinações jacobéias. E a tudo isto é preciso juntar, em muitos casos, as referências a um importante peregrino da nossa história e, mais que peregrino,



Mapa dos caminhos transmontanos de peregrinação a Compostela

o grande inspirador da obra de misericórdia medieval que era a construção de pontes e calçadas, que foi S. Gonçalo de Amarante.

Só aparentemente todas estas referências estão anarquicamente dispersas pelo território; porque, na realidade elas espalharam-se ao longo dos caminhos.

4. Quem percorra com atenção os mais antigos caminhos do Norte de Portugal, encontrará inúmeras referências a S. Gonçalo de Amarante: freguesias de sua invocação, capelas, imagens, festas, romarias, propriedades com seu nome e relativamente frequentes hagiotopónimos, etc. Aqui e ali aparecem ainda imagens de S. Gonçalo ao lado das de Santiago⁽⁷⁾.

⁽⁷⁾ É o que acontece, por exemplo, na paroquial de Santiago de Custóias (concelho de Matosinhos), na capela de Santiago no lugar deste nome da freguesia de Vila de Ala, concelho de Mogadouro, e na capela de Santiago, no lugar de Sobre-a-Fonte da freguesia de Sedielos, concelho da Régua. Em Vila Cova (Vial Real) juntam-se também as duas devoções mas de modo diferente: Santiago é o Orago da freguesia, e, mesmo à beira da paroquial, lá está o curiosíssimo padrão de S. Gonçalo.

⁽⁵⁾ Ver a este propósito Pierre David — *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI. e au XII. e siècle*, Col. Portugaise, Institut Français au Portugal, 1947 (nomeadamente o capítulo II de *Le santoral hispanique...*, pp. 225/242).

⁽⁶⁾ Conhecemos algumas excepções. Uma delas está situada no lugar de Sobre-a-Fonte, da freguesia de Sedielos (concelho da Régua), mas trata-se de uma capela recente, de 1893. A outra excepção diz respeito à capela edificada no lugar do Castelo, da freguesia de Eiras, Chaves.

S. Gonçalo de Amarante nasceu em 1187 na freguesia da Tagilde, no lugar de Arriconha, ao tempo do Termo de Guimarães. Filho de família pelo menos abastada, foi por isso esmerada a sua instrução, ministrada primeiro na escola do convento beneditino que existiu na sua freguesia natal e depois na escola catedralícia de Braga.

Não se pode portanto estranhar que se tivesse orientado para o presbiterado. Uma vez ordenado, foi nomeado pároco de S. Paio de Vizela, uma freguesia vizinha da terra de sua naturalidade, onde se entregou com a maior dedicação ao trabalho pastoral.

Mas, segundo o melhor espírito cristão da época, resolveu, em determinada altura, partir em peregrinação a Roma e Terra Santa, depois de entregar a paróquia à «cura» de um seu sobrinho.

Regressado passados uns 14 anos, viu-se desapossado do seu benefício, de que se tinha entretanto apoderado o substituto. É no seguimento deste facto que Gonçalo se decide por uma vida eremítica, algures, numa gruta, junto do rio Tâmega, onde hoje é Amarante.

Conhecedor dos perigos e dificuldades que todo o viajante e particularmente os peregrinos tinham de vencer em suas andanças, e dados os riscos que se apresentavam a quantos naquele lugar tinham de atravessar o rio Tâmega — ali existira uma ponte romana, então praticamente destruída e impraticável — Gonçalo entrega-se ao fabrico de uma nova ponte que subsistiria até 1763, data em que se desmoronou.

Tendo entretanto ingressado na Ordem Dominicana, por ali terá continuado a viver o nosso eremita, em fama de santidade. Não é conhecida a data do seu falecimento. Foi beatificado em 1561.

Estes são praticamente todos os dados objectivos conhecidos da biografia de S. Gonçalo de Amarante. Tudo o mais é do domínio do lendário em que são abundantes quer a tradição popular, quer a nossa literatura, a popular⁽⁸⁾ e a erudita⁽⁹⁾.

Entre os sécs. XI e XV nomeadamente, a construção de pontes e calçadas era considerada, um pouco por toda a Europa, uma obra de misericórdia⁽¹⁰⁾. «Era um serviço religioso e chegou mesmo a ser um ideal de santidade construir pontes, quer prestando serviço material, quer reunindo o numerário suficiente para a sua edificação»⁽¹¹⁾.

⁽⁸⁾ Ver a este propósito, *História da Poesia Popular Portuguesa*, de Teófilo Braga, Manuel Gomes Editor, Lisboa, 1905, nomeadamente pp. 430 e 485.

⁽⁹⁾ Ver, por exemplo: Aquilino Ribeiro, *Sam Gonçalo Casamenteiro* (in *Jardim das Tormentas*, Bertrand, Lisboa, 1961, pp. 81/95), e Camilo Castelo Branco, *O Sangue*.

⁽¹⁰⁾ Ver a este propósito C. A. Ferreira de Almeida — *Os Caminhos e a Assistência no Norte de Portugal*, Actas das 1.ªs Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, tomo I, Lisboa 1973, p. 39/57.

⁽¹¹⁾ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Vias Medievais — I Entre Douro e Minho*, edição policopiada da Faculdade de Letras do Porto, 1968, p. 127.

Não admira portanto que, a partir do séc. XV nomeadamente, a fama de santidade do nosso homem se tivesse espalhado por todos os lugares directa ou indirectamente ligados ao trânsito em geral e em particular à peregrinação jacobea, nomeadamente aqueles onde havia ou era desejável que houvesse pontes. Dos caminhos e, particularmente destas se tornou S. Gonçalo de Amarante protector.

Os lugares do seu culto, igrejas e capelas nomeadamente, mas também altares, nunca se encontram portanto no alto de montes. A devoção a S. Gonçalo, não é, como acontece com a de Santiago e atrás ficou dito, uma devoção de substituição de antigos cultos pagãos, situados sempre em montes altos. Trata-se de uma devoção original estabelecida ao longo das estradas medievais ou mais recentes, também utilizadas por peregrinos de Santiago.

Para além de, como atrás deixamos dito, aqui e ali as duas invocações aparecerem lado a lado⁽¹²⁾, o relacionamento das duas devoções foi tão intenso que alguns dados da lenda de S. Tiago foram mesmo introduzidos na de S. Gonçalo⁽¹³⁾.

A devoção de S. Gonçalo é efectivamente uma das muitas e, no Norte de Portugal, a maior⁽¹⁴⁾, das «devoções paralelas» do caminho de Santiago: freguesias e capelas, Irmandades e Confrarias, altares e imagens, padrões tridentinos mesmo, topónimos e quintas, dão-nos notícia de quanto ela se espalhou, enquanto por outro lado nos definem o trilho dos antigos caminhos jacobeus. O que não pode portanto menosprezar-se num estudo deste âmbito.

Mas há outras «devoções paralelas». Citaremos algumas.

⁽¹²⁾ É significativo, por exemplo, o facto de na própria igreja de S. Gonçalo, em Amarante, haver um altar de S. Tiago. Por este lugar passaram de facto inúmeros peregrinos de Compostela.

⁽¹³⁾ É o caso de D. Loba, senhora pagã de grandes propriedades, das margens do Sar, na Galiza, a cuja presença uns bois ferocíssimos, depois milagrosamente tornados mansos por intervenção dos achadores cristãos do corpo de S. Tiago, conduziram o carro que transportava os despojos apostólicos.

Uma igualmente chamada D. Loba cede, por matreirice a S. Gonçalo uns também ferocíssimos bois que, depois milagrosamente amansados, ajudaram o nosso santo na construção da ponte de Amarante. E, ainda hoje, na freguesia da Madalena, próxima de Amarante, podem ver-se as ruínas do que, na tradição popular, foi uma albergaria (de peregrinos?), chamada «Paço de D. Loba».

Enganados por D. Loba, a galega, que falaciosamente lhes indicara para sepultura dos restos mortais do Apóstolo um alto monte, onde existia um templo pagão, os cristãos encontraram uma enorme serpente que os atacou. Reconhecendo-a demoníaca, fizeram sobre ela o sinal da cruz «e logo a serpente estorrou e caiu morta». Ora, ainda há bem poucos anos, na procissão do Corpo de Deus, em Amarante, uma enorme serpente era conduzida e movimentada por miúdos.

⁽¹⁴⁾ A região Régua/Vila Real/Chaves é de longe aquela em que a devoção de S. Gonçalo está mais implementada. Ver nos apêndices deste trabalho a lista dos hagiopónimos e outros lugares referidos a S. Gonçalo.

S. Cristóvão foi excluído do calendário litúrgico em 1969, por se tratar de uma figura lendária. De qualquer modo a sua devoção espalhou-se bastante, mesmo em Portugal, onde há várias freguesias que o têm por Orago. Convertido ao cristianismo, teria sido aconselhado por um eremita a utilizar a sua forte compleição física a ajudar peregrinos e viandantes na travessia de rios e outras passagens difíceis. E de facto, a sua devoção aparece em lugares deste género, concretamente em rios onde não há ou não havia pontes. Cremos bem que esta devoção tenha sido, em alguns lugares, substituída depois da construção de uma ponte, pela de S. Gonçalo. S. Cristóvão era também invocado contra a morte súbita, «a subitanea et improvisa morte», como dizia a Ladainha de Todos os Santos.

S. Roque nasceu em Montpellier, em meados do séc. XIV. Tendo-se desfeito dos seus bens, foi como peregrino a Roma. No regresso terá tomado a seu cuidado os atacados pela peste negra que, ao tempo, grassava por toda a Europa. Contagiado então pela terrível doença e abandonado por todos, era alimentado por um vizinho que lhe mandava, diariamente, por um cão, um pão. Por isso ele é representado iconograficamente mostrando uma ferida na perna e com um cão que lhe traz pão na boca. Para além disso, a vara e a cabaça de peregrino. Por vezes, mesmo a vieira.

São Jorge, padroeiro de Inglaterra, é, segundo a lenda, originário da Capadócia, e, guerreiro valente, salvou a filha do rei de um terrível dragão. O seu culto foi já rejeitado por um Concílio regional no séc. V. Na Guerra da Independência contra Leão e Castela, séc. XIV, e por influência dos ingleses, a partir de então aliados dos portugueses, foi o padroado português de Santiago substituído pelo de S. Jorge. Esta troca ter-se-á também verificado em alguns lugares onde anteriormente se venerava o Apóstolo.

Para além destes quatro santos, várias invocações de Jesus e de sua Mãe Maria podem dizer-se devoções paralelas: Senhor do Padrão, Senhor da Boa Passagem (esta expressão é, na maior parte dos casos, sinónima de «Boa Morte»; cremos, no entanto, não ser exagerado afirmar que, aqui e ali, é diferente o seu sentido), Senhor ou Senhora do Caminho, do Bom Despacho, do Socorro, dos Aflitos, da Guia, da Estrada, da Boa Viagem, da Lapa (esta bastante frequente a norte e no enfiamento do célebre santuário da Serra da Lapa), Senhora das Portas Abertas...

5. A tradição oral, ainda hoje viva, permite a detecção in loco destes caminhos, seus traçados, calçadas e pontes, em muitos casos ainda intactos e mesmo utilizados. Repetimos o que atrás se disse: em Portugal não há propriamente um caminho de Santiago, antes caminhos que eram utilizados com muitas finalidades, e também pelos peregrinos compostelanos. As feiras e as festas existem ainda as mesmas que em épocas bem recuadas, e muitas delas eram demandadas, ainda bem há pouco, antes sobretudo da revolução operada pelo poder autárquico nos nossos caminhos rurais após o 25 de Abril, seguindo os mesmos trajectos que a Idade Média conheceu.

Nas proximidades do Rio Douro, muitos desses caminhos foram melhorados ao longo dos sécs. XVII e XVIII pela necessidade de escoar o vinho para os cais de Gaia; mas, um pouco por toda a restante região de Trás-os-Montes, eles existem ainda praticamente intactos, em muitos casos abandonados já e degradados por terem sido substituídos por estradas recentes.

Interrogámos centenas de residentes por toda a província⁽¹⁵⁾. A todos deixámos, deste modo, o nosso agradecimento.

No trabalho que agora apresentamos, não presumimos inventariar exaustivamente todos os caminhos transmontanos medievais, antes só aqueles que, na decorrência dos princípios acima expostos, foram certamente mais utilizados pelos peregrinos jacobeus, quer os originários de Trás-os-Montes quer os que atravessavam o rio Douro provenientes do Sul ou do Centro do país, depois de passarem por Trancoso ou Viseu. Todos eles, entretanto enlaçavam na Via de La Plata.

De resto, todos os trajectos respeitantes aos concelhos de Mesão Frio, Santa Marta de Penaguião, Régua, Vila Real e Mirandela foram já minuciosamente descritos num trabalho anterior, titulado *Caminhos Medievais na Demanda de Compostela (Região do Douro)*.

II — OS TRAJECTOS TRANSMONTANOS

Num trabalho deste género, que não pôde contar com a colaboração de um topógrafo, os caminhos vão apenas indicados e não descritos. Na região transmontana, eles existem ainda praticamente íntegros e transitáveis. Mas quem os quiser percorrer a partir das indicações que seguem tem de informar-se constantemente junto dos locais. Os mapas do Instituto Geográfico e Cadastral (1:100.000), nem sempre

⁽¹⁵⁾ Pela qualidade e quantidade da informação que nos prestaram é justo referir particularmente os nomes dos seguintes informadores: Adelino dos Santos Pereira (France), Alice Conceição Araújo e Maria Adelaide Jesus (Rio Torto, Valpaços), Álvaro dos Santos Carvas (Valongo de Milhais, Murça), Augusto Fernandes Rei (natural de Carviçais, Moncorvo), Celestino Borges (Gralheira, Telões, Vila Pouca de Aguiar), Guarnição da GNR de Mogadouro, Horácio Santos e seu neto Paulino Santos (Cidadelhe de Jales, Alfarela de Jales, Vila Pouca de Aguiar), Idalina dos Santos Vara (Sabariz, Donai, Bragança), Dr. João Vila (natural de Tourém, Montalegre), Joaquim Fernandes da Costa (Veiga de Lila, Valpaços), José Augusto Pires (Capeludos de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar), José Lima (Calvelhe, Bragança), José Manuel Bastião (Quinta de Santiago, Ligares, Moncorvo), Luís Coelho Salgado (Redial, Vilela do Tamega), Luís Delgado (Vilar Seco, Vimioso), José Manuel Teixeira Alves (Sobrados, Passos, Sabrosa), Manuel António Eanes Feijão (Milhão, Bragança), Manuel dos Santos (Sabroso de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar), Maria José Barros Rodrigues (Couto de Ervededo, Chaves), Mário Augusto Ruge (Presidente da Junta de Freguesia de Adeganha, residente na Junqueira, Moncorvo). Mas um agradecimento especialíssimo vai para o Sr. P.º Dr. Belarmino Afonso, de Bragança.

correctos, podem prestar um óptimo auxílio. O Atlas de Estradas de PORTUGAL ⁽¹⁶⁾ (1:300.000) é, de quantos estão disponíveis no mercado, o melhor.

1. A partir de Barca de Alva

1.1. Para Bragança

Como todos os mais importantes centros da província de Trás-os-Montes — Vila Real, Chaves e Mirandela — Bragança foi passagem muito demandada pelos peregrinos compostelanos. Assim, «Junto ao castelo, do lado Poente, existia, desde o século XV, uma vetusta paroquial, a Igr. de S. Tiago, demolida nos fins do séc. XVII» ⁽¹⁷⁾. «D. Afonso, 1.º duque de Bragança, fundou nesta cidade a Confraria da nobre cavalaria de Santiago...» ⁽¹⁸⁾. Modernamente, numa área nova da cidade, construiu-se um novo centro de culto, uma capela de Santiago ⁽¹⁹⁾ (dita popularmente do Campo Redondo), sede de um Vicariato, onde foi colocada uma imagem do Apóstolo copiada da de Lagomar. Igualmente nesta cidade foi criada por D. João I uma feira franca de Santiago. O intenso tráfego de peregrinos de Compostela que passava por esta região ficou também registado nos domínios do lendário: «Há a tradição de que a primitiva igr. dos frades franciscanos de Bragança foi edificada na presença do próprio S. Francisco de Assis, em 1214, no regresso da sua peregrinação a S. Tiago de Compostela» ⁽²⁰⁾. Uma outra lenda, da região de Moimenta da Beira, diz que por ali passou o mesmo Santo, mas «de jornada para Compostela», tendo então descansado no exacto sítio onde depois se ergueu «uma casa de pobres de vida pobre» ⁽²¹⁾ que foi o Convento de S. Francisco de Caria, hoje em ruínas.

1.1.1. por Coelhoso

Barca de Alva, Poiares, Freixo de Espada à Cinta, Mazouco, Fornos, (perto de) Lagoaça (por cima da povoação, perto da antiga estação da CP), Bruçó, Vale de Porco, Zava, Mogadouro ⁽²²⁾, Azinhoso ⁽²³⁾ e Sampaio, passava-se depois a vau

⁽¹⁶⁾ Editorial Sofoto Lda. Cascais, 1990.

⁽¹⁷⁾ Guia de Portugal (5.º Volume, 2.º tomo) — *Trás-os-Montes e Alto Douro, I* — Vila Real, Chaves e Barroso, Fundação Calouste Gulbenkian (1969), p. 946.

⁽¹⁸⁾ Francisco Manuel Alves, *Memórias Archeológico Históricas do Distrito de Bragança*, IX, p. 8.

⁽¹⁹⁾ As indicações de capelas de Santiago ou de S. Gonçalo fazem-se com um sublinhado simples: a de freguesias com um ou outro dos Santos por Orago fazem-se com um tipo mais grosso (**bold**) e sublinhado.

⁽²⁰⁾ *Guia de Portugal* (5.º Volume, 2.º tomo), op. cit., p. 941.

⁽²¹⁾ Aquilino Ribeiro, *A Via Sinuosa*, Liv. Bertrand, 1960, pp. 9/11.

⁽²²⁾ Existe em Mogadouro um santuário de Nossa Senhora do Caminho, invocação tradicionalmente ligada ao Caminho de Santiago.

⁽²³⁾ A Azinhoso podia chegar-se de Santiago (de Vila de Ala); ver 1.2..



Ponte de Santulhão

o rio Sabor em direcção à Junqueira, Matela ⁽²⁴⁾ e Santulhão; passava-se depois o Sabor em poldras (no lugar de Paus) ou, mais tarde, em ponte de madeira, rumo a Paradinha Velha, Quinta de Montesinhos e Coelhoso (freguesia com Santiago por Orago). Podia ainda passar-se de Santulhão para Carção. Seguiu-se depois como em 2.1.2.1 ou 2.1.2.2..

1.1.2. por Vimioso

Até Azinhoso, como na alínea anterior. Depois de Azinhoso, por Pena Roia, S. Martinho do Peso, Valcerto, ponte medieval sobre a Ribeira de Angueira, Algozo, Campo de Víboras ⁽²⁵⁾ (freguesia onde há uma capela de Santiago no lugar das Eiras) e Vimioso. A partir daqui, ver 2.1.1..

1.2. para Norte (por Varis)

De Barca de Alva até se passar ao lado de Vale do Porco, ver 1.1.1. Depois, seguia-se por Vilar do Rei, Santiago (lugar com capela dedicada ao Apóstolo) ⁽²⁶⁾, Varis, Castanheira, e Valcerto. Segue como em 1.1.2..

⁽²⁴⁾ De Matela podia seguir-se para Izeda de duas maneiras: se a vau (no Verão), por Talhinhas, se no Inverno, pela ponte de Santulhão sobre o Sabor.

⁽²⁵⁾ A Campo de Víboras podia chegar-se também de Sendim, depois de passar em Atenor, Teixeira, Mora e Uva.

⁽²⁶⁾ Deste lugar de Santiago (Vila de Ala), podia passar-se a Azinhoso pela Quinta do Nogueira. A partir daí, ver 1.1.1. e 1.1.2.. Esta capela tem a particularidade de colocar ao lado da Imagem de Santiago uma outra de S. Gonçalo que, no entanto, os locais dizem de S. Bento.

Mas, ao referido lugar de Santiago da freguesia de Vila de Ala, importante cruzamento de caminhos podia chegar-se de: Peredo da Bemposta (por Algosinho e Vila de Ala), ou da Bemposta (por Lamoso, Tó e Vila de Ala).



Ponte de Algosio



Na capela de Santiago, lugar da freguesia de Vila de Ala, as imagens de Santiago e de S. Gonçalo estão colocadas lado a lado

1.3. pela Quinta de Santiago

Esta povoação, ao norte de Barca de Alva, teve uma antiga capela de Santiago, hoje destruída (a imagem está na paróquia de Ligares). O caminho partia de Barca de Alva (por Quintana de Alva, Mosteiro da Foz, Candedo, Cruzamento hoje dito da «caixa do correio», Chãs, «Cai a Água d'Alto» e Ranhadouro, lugar por cima da Quinta de Santiago) ⁽²⁷⁾.

Mas aqui chegava-se também de Freixo de Espada à Cinta (por Aventosa, Ribeira de Ligares e Quinta de Santiago);

1.3.1. para Moncorvo e Lodões

Os dois caminhos descritos na alínea anterior seguiam depois para Ligares (na paróquia está a imagem da capela destruída da Quinta de Santiago) ⁽²⁸⁾ e seguia daí para Maçores, Açoreira, capela de Na. Sra. da Teixeira (lenda da «Cabeça Santa» ⁽²⁹⁾, Felgueiras e Moncorvo (freguesia que, até ao séc. XIX, teve Santiago por orago).

De Moncorvo ⁽³⁰⁾, descia-se depois ao rio Sabor, subia-se a Adeganha (freguesia de Santiago) ⁽³¹⁾, por Estevais, e daí continuava-se para Lodões (outra



Imagem da desaparecida capela da Quinta de Santiago, hoje na paróquia de Ligares

⁽²⁷⁾ Este caminho de Barca de Alva à Quinta de Santiago, vem descrito no Guia de Portugal, op. cit., V, II, p. 1067 e 1068, e chamado Caminho de Alpajares ou de Candedo.

⁽²⁸⁾ «Em Ligares, Moncorvo, por ex., deitam ao rio um S. Tiago, no meio de festas» (J. Leite de Vasconcelos, Tradições Populares de Portugal, 2.ª edição, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986, p. 83).

⁽²⁹⁾ Sinal inequívoco de que este caminho era muito utilizado pelos peregrinos de Compostela é a «Lenda da Cabeça» recolhida pelo antigo Abade de Carviçais, Pe. J. A. Tavares, na sua *Monografia de Na. Sra. da Teixeira* (1952) que vai transcrita no Apêndice.

⁽³⁰⁾ De facto, a freguesia de Torre de Moncorvo teve Santiago como orago até ao séc. XIX, altura em que foi substituído por Na. Sra. da Assunção (ver Fernando de Sousa e Gaspar Martins Pereira, *Alto Douro — Novos Guias de Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1988, pp. 63, 116 e 124). Na vila há ainda uma fonte e uma rua de Santiago, e existiu uma antiga capela no lugar onde hoje é o cemitério, destruída para construção deste.

⁽³¹⁾ A bela paróquia românica de Adeganha, séc. XII, só se explica de facto pela importância económica da povoação em tempos idos, lugar de passagem de intenso trânsito.

freguesia com Santiago por Orago), pela «estrada velha» da Senhora da Rosa. Segue em 5.1..

1.3.2. para Carviçais

Quinta de Santiago (como em 1.3.), Mós e Carviçais (segue em 4.).

2. Duas Igrejas/Coelhoso/Bragança

2.1. Por Coelhoso

2.1.1. até Coelhoso

2.1.1.1. de Duas Igrejas

Duas Igrejas, Vilar Seco (freguesia de Santiago), Caçarelhos, Vimioso, Carção e, atravessando o rio Sabor, Coelhoso (outra freguesia de Santiago). Segue como em 2.1.2..

2.1.1.2. de Sendim

Sendim, Prado Gatão, Palaçoulo, Águas Vivas e Vilar Seco (freguesia de Santiago). A partir daqui, como na alínea anterior.

2.1.2. a partir de Coelhoso

2.1.2.1. por Paredes e Failde;

Coelhoso, (ao lado de) Parada e (ao lado de) Paredes. A partir daqui, o velho caminho existe praticamente intacto desde o cruzamento actual das estradas Izeda/Bragança com o desvio para Failde até à ponte do Penacal ou Penhacal (sobre a Ribeira desse nome); depois, S. Pedro dos Sarracenos, Samil e Bragança (segue em 3.).

2.1.2.2. Por Grijó de Parada (menos utilizado que o anterior);

Coelhoso, (ao lado de) Parada, (ao lado do) Alto de S. Roque, Grijó de Parada, Freixedelo, Alfaião, Samil (por S. Pedro dos Sarracenos ou não) e Bragança. Segue em 3.

2.2. Por Rio Frio

2.2.1. até Rio Frio

2.2.1.1. Vimioso, Pinelo, ponte sobre o Rio Maças, Argozelo, S. Roque, Outeiro, Paçô, Rio Frio.

2.2.1.2. Também se podia passar a Rio Frio a partir de Carção, onde se vinha ter do Sul, dos lados de Mogadouro e Barca de Alva (ver 1.1.1.). O trajecto era este: Vimioso, Carção, Argozelo, S. Roque, Outeiro, (ao lado de) Paçô, Rio Frio.

2.2.2. a partir de Rio Frio

Rio Frio, Quintas do Vilar, Quintas de Baixo, ponte do Buraco, ponte de Valbom (sobre o rio Sabor), Quinta do Vale da Rata, Quinta das Searas, Bragança (onde se entrava pela igreja de S. Francisco). Seguia-se depois pelo trajecto referido em 3.



Ponte de Valbom sobre o rio Sabor que servia quem, dos lados de Miranda do Douro, se dirigia a Bragança

3. O «caminho leonês»

«A região brigantina era atravessada por viandantes oriundos da região leonesa»^(31-A).

Julgamos ter sido este o trajecto mais utilizado: Alcanices, Quintanilha, Veigas, Milhão, Costa do Prado, Ribeiro do Vale do Monte (poldras), Cimo dos Arames, Ribeira de Babe (Poldras), Cruz do Marrão (poldras), ponte (medieval) de Gimonde, Alto de S. Lázaro, ponte de S. Lázaro e Bragança.

^(31-A) Humberto Baquero Moreno, *Vias Portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média*, separata da «Revista da Faculdade de Letras», II Série, Vol. III, Porto 1986, p. 6. Baquero Moreno faz a afirmação citando a Crónica de D. João I, de Fernão Lopes.



Imagem-relicário de Santiago da paroquial de Donai

A partir de Bragança, passava-se ao lado de Grandais, depois em **Lagomar** (antiga freguesia de Santiago) ⁽³²⁾, **Sabariz** (antiga freguesia de Santiago) ⁽³³⁾, Portela, Gondzende, Soeira, Vila Verde, (ao lado de Vinhais, Rio de Fornos (aqui se vinha ter de Mirandela e Vilar de Peregrinos; ver 9.1.), Lagarelhos e Zido, lugar da freguesia de Vilar de Ossos, do concelho de Vinhais.

Este lugar de Zido, onde há uma capela de Santiago, era um importante cruzamento de caminhos, provenientes quer de Bragança, quer de Rebordelo (ver 9.2.) e, neste último caso, seguindo um caminho que passava por entre Vale Paço e Curopos e daí demandava Sobreiró de Cima.

⁽³²⁾ Dos habitantes de Lagomar dizia a boca popular: «Em Lagomar só não rouba o Santiago!».

⁽³³⁾ Estas duas antigas freguesias de Santiago, Lagomar e Sabariz, são hoje lugares de Donai. Na sua paroquial está um belo relicário-imagem de Santiago, e no tecto um caixotão pintado do Apóstolo.



Frontal de granito — Santiago Matamoros — da antiga igreja paroquial de Frades, hoje integrada na freguesia de Edral



Imagem de Santiago da antiga freguesia de Frades que tinha o Apóstolo por Orago

Em qualquer dos casos, seguia-se por Peleias, Cabeça da Igreja, (ao lado de Penso, Frades (antiga freguesia de Santiago), Brito, Segirei, Sandim, Cisterna e Souto Chão, já em Espanha.



Capela de S. Gonçalo, freguesia de Castro Vicente, no caminho de Carviçais para Bragança Castro Vicente

4. A partir de Carviçais (até Carviçais, ver 1.3.2.)

4.1. para Coelhooso

Carviçais, Quinta dos Questelos, Quinta de Sto Antão da Barca⁽³⁴⁾, Sardão, **Parada** (freguesia com Santiago por orago)⁽³⁵⁾, Vilar Chão, Vilar Seco, Castro Vicente⁽³⁶⁾, Porrais, S. Gonçalo (**capela**), Lagoa, Morais, Gralhós (lugar da freguesia de Talhinhas, concelho de Macedo de Cavaleiros, onde há uma **capela de Santiago**⁽³⁷⁾), Izeda, passava-se depois a Ribeira de Veados em poldras rumo a Paradinha Velha, Quinta de

Montesinhos⁽³⁸⁾ e **Coelhooso** (freguesia de Santiago). De Coelhooso a Bragança, como em 2.1.2..

4.1.1. Izeda/Rossas

De Izeda, podia ir entroncar-se no caminho que segue descrito em 4.4. do seguinte modo: Izeda, Ribeira do Vale de Cerdeira (modernamente teve uma ponte de madeira), Serapicos, Moredo (lugar da freguesia de Salsas, concelho de Bragança, onde há uma **capela de Santiago**), Rossas e Sortes. A partir daqui, ver 4.4..

⁽³⁴⁾ Aqui existia exactamente uma barca de passagem, donde o topónimo.

⁽³⁵⁾ No tecto da paroquial de Parada há um relevo em madeira policromada sobre a lenda da barca de Santiago. Montado num cavalo, atravessando um dia o Apóstolo o rio (Sabor?), animal e cavaleiro foram levados pela corrente. Agarrou-se então Santiago à corda lançada por um barco que passava no rio e salvou-se. E, de facto, o relevo mostra duas ferraduras perdidas nas ondas e a mão do Apóstolo agarrada à corda lançada do barco. Este tem bem visíveis duas vieiras.

⁽³⁶⁾ Na paroquial de Castro Vicente, antiga sede de concelho, há um caixotão pintado representando Santiago. Embora sejam frequentes na região estes caixotões pintados nos tectos das igrejas, este merece particular referência pelo facto de não apresentar um «apostolado» completo e, no entanto, representar Santiago. Ao lado da paroquial, há a chamada «capela da Misericórdia»; será lícito pensar que a casa — hoje particular — a que pertencia terá sido uma albergaria?

⁽³⁷⁾ A imagem desta capela, curiosa na sua «repintura» popular, segura uma bandeira com as quinas!

⁽³⁸⁾ Há neste lugar, ao lado do velho caminho, uma capela de Sto. André.

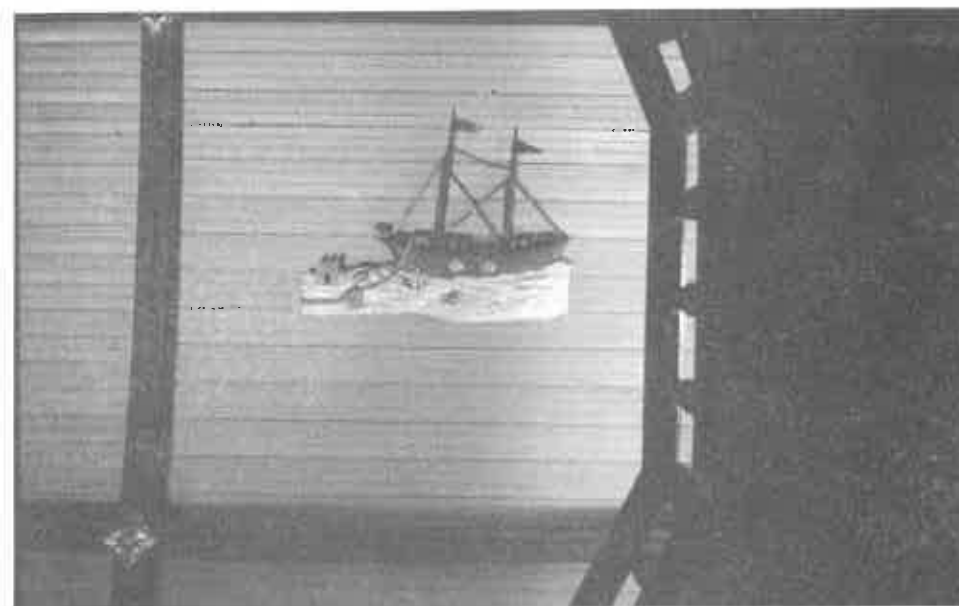


Ilustração da lenda da Barca de Santiago, na paroquial de Parada

4.2. para Alfândega da Fé

Carviçais, Quinta dos Barraís, (perto da Quinta dos Questelos) e depois: a. Quinta de S. Gonçalo, Cerejais e Alfândega da Fé; b. Quinta de S. Gonçalo, Quinta Branca, Picões, Ferradosa, Sendim da Serra, S. Bernardino e Alfândega da Fé;

De Alfândega da Fé, seguia-se por Sambade, Vila Nova, Bornes, Vale Benfeito, Grijó, Macedo de Cavaleiros, Nogueirinha, Vale de Saias, Ribeira de Gradíssimo (não se passava na povoação mas ao seu lado direito), Sra. do Campo, **Corujas** (freguesia de Santiago), Sto Amaro, Mogrão, Arcas e Vilarinho de Agrochão. Segue em 9.1..

4.3. Macedo de Cavaleiros/Caminho de Bragança (citado em 3.)

Macedo, Vale de Prados, Arrifana, Podence, (ao fundo da) Quinta de Azibeiro, Quintela de Lampaças, Bragada, Vale de Nogueira, Quinta de Arufe (capela de Sto André), Sortes⁽³⁹⁾, Remisquedo, Mosca, Nogueira, Gostei, Castro de Avelãs, Grandais e **Lagomar** (antiga freguesia com Santiago por Orago). A partir daqui ver 3.

⁽³⁹⁾ Aqui entroncava um caminho proveniente de Izeda (ver 4.2.).

4.4. para Mirandela

Até Sendim da Serra igual a 4.2.b.; depois, por Eucísia⁽⁴⁰⁾, Sta Justa, Vilarelhos, Sta Comba de Vilarça, Benlhevai, Macedinho, Freixeda, S. Salvados (ou Salvador) e Mirandela (a partir daqui, ver 9).

5. A partir da Foz do Sabor

5.1. Foz do Sabor/Junqueira/Lodões/Vilarinho de Agrochão

Na Foz do Sabor, havia uma barca de passagem. Depois, seguia-se por Cabanas de Baixo, Cabanas de Cima, Eiras da Horta, Quinta do Ataíde, **Junqueira** (antiga freguesia com Santiago por orago), Senhora da Rosa e **Lodões** (freguesia de Santiago). A partir daqui: Sta Comba da Vilarça, Vilares da Vilarça, Burga e Bornes. Segue como em 4.3..

5.2. Pocinho/Lodões/Mirandela

Pocinho, Quinta do Campo, Rego da Barca, passava-se depois a Ribeira da Vilarça em barca, subia-se até à Quinta do Carvalho e depois à do Carrascal, passava-se de novo a Ribeira da Vilarça mas agora em poldras rumo à Quinta do Zimbro. Logo a seguir era a **Junqueira** (antiga freguesia que teve Santiago por orago). Passada depois a Senhora da Rosa era logo **Lodões** (freguesia de Santiago). A partir daqui, descia-se a Vale Frechoso, **Vale da Sancha**, hoje freguesia canónica com S. Gonçalo por Orago⁽⁴¹⁾, S. Salvador (dito popularmente «S. Salvados») e finalmente Mirandela. Segue em 9.

5.3. por Nabo

Atravessava-se o Douro junto da Foz do Rio Sabor, onde existia uma barca de passagem. Subia-se depois por Cabanas de Baixo e de Cima, Horta da Vilarça, Pala do Conde, Capela de Sta Cruz, Arieiro e **Nabo**⁽⁴²⁾, importante freguesia com S. Gonçalo por Orago. A subida para Vila Flor era depois muito rápida. Ela existe praticamente ainda intacta, e atravessa a actual estrada que sobe da Vilarça para Vila Flor. De Vila Flor continuava-se por Roios e Vale Frechoso. A partir daqui, como na alínea anterior.

⁽⁴⁰⁾ De Eucísia, podia passar-se a Alfândega da Fé, por Valverde.

⁽⁴¹⁾ De Vale da Sancha podia também viajar-se por Macedinho e Caravelas para Bornes, donde se demandava depois Macedo de Cavaleiros como em 4.3..

⁽⁴²⁾ Em ligação com a peregrinação a Compostela está a «Lenda do Nabo» ou «da Cabeça» recolhida pelo antigo Abade de Carviçais, Pe. J. A. Tavares, na sua *Monografia de Na. Sra. da Teixeira* (1952). Ver Apêndice.



Imagem de S. Gonçalo, Orago da freguesia de Nabo

6. A partir de Vesúvio

6.1. para Nabo

Atravessado o Douro no Vesúvio, onde havia barca de passagem, subia-se depois, por Coleja, para Pinhal do Douro⁽⁴³⁾, Vilarinho da Castanheira, Castedo, Vide e **Nabo**. A seguir ver 5.3..

⁽⁴³⁾ A Coleja e Pinhal do Douro vinha ter-se também de Freixo de Numão, atravessando o rio mais ou menos onde hoje é a Estação da CP.

6.2. para Mairós ou Chaves

Passado o Douro, como na alínea anterior, seguia-se por Beira Grande ou Seixo de Ansiães para Selores. Prosseguia-se seguidamente por Carrazeda de Ansiães⁽⁴⁴⁾, Samorinha, **Zedes** (importante freguesia com S. Gonçalo por Orago), Felgueira e



Pintura do tecto da paróquia de Zedes, freguesia que tem S. Gonçalo por Orago

⁽⁴⁴⁾ De Carrazeda de Ansiães podia seguir-se para Murça por: **Amedo** (freguesia de Santiago), Paradela, Lourenço, Porrais, Candedo (pintura de S. Cristóvão na paróquia), Noura, Sobredo (capela de S. Gonçalo) e Murça. Segue em 8.2..

Codeçais; logo a seguir passava-se o rio Tua numa pequena jangada rumo a Abreiro, Navalho, Avidagos, (ao lado de) Pereira e Lamas de Orelhão⁽⁴⁵⁾, em direcção a Passos (realizou-se nesta freguesia uma feira franca de S. Gonçalo a 10 de Janeiro, no lugar ainda hoje dito com o nome do Santo, em que existiu uma *capela* de sua invocação). De Passos seguia-se por Succães, Póvoa e Rio Torto até Vilarandelo⁽⁴⁶⁾. A partir daqui, havia duas hipóteses: ou para Chaves (ver 9.3.1.), ou para Mairós (ver 9.3.).

6.2.1. de Passos para S. João da Corveira

De Passos seguia-se por Succães, Veiga de Lila, Vale de Santiago⁽⁴⁷⁾, Fonte Mercê, Carrei Martinho e Santa Maria de Emes, Silva, S. João da Corveira e Serapicos. Segue em 8.2..

7. A partir do Tua

7.1. Tua/Mirandela

Tua, Ribalonga, **Amedo** (freguesia de Santiago), **Zedes** (freguesia de S. Gonçalo), Folgares, Freixiel, Vilarinho das Azenhas, passava-se depois o rio Tua, e prosseguia-se por Marmelos e Mirandela. Segue em 9.

7.2. Tua/Alijó/Vila Chã

Tua, S. Mamede de Riba Tua, Alijó, Prezandães, **Vila Chã** (freguesia de Santiago). Segue em 8.1..

⁽⁴⁵⁾ Na Inquirições de D. Diniz, ano 1290, há notícia de uma albergaria em Lamas de Orelhão.

⁽⁴⁶⁾ De Rio Torto a Vilarandelo, ver 9.3..

⁽⁴⁷⁾ Do Vale de Santiago de Veiga de Lila, podia seguir-se ainda para Rio Torto (para onde se cortava um pouco antes de Fonte Mercê), ou para Valpaços (por Fonte Mercê e Crasto).



Pintura no tecto da paróquia de Amedo, freguesia que tem Santiago por Orago

8. A partir do Pinhão

8.1. por Oura

Pinhão, Casal de Loivos, Vilarinho de Cotas, Favaio, Vila Chã (freguesia de Santiago), Carvalho, Cal de Bois e Pópulo. Depois: Asnela ou Carva e Alfarela de Jales. Seguiu-se depois para Cidadelhe de Jales (antes passava-se na capela da Senhora da Ajuda). Ao entrar no referido lugar de Cidadelhe, passava-se junto de uma capela de S. Gonçalo. Depois de atravessar por duas vezes o rio Tinhela em antigas pontes ainda de pé, embora uma ameace ruína iminente, seguia-se por Revel, Estalagem, Filhagosa, Tinhela de Baixo, Vila Meã (onde há uma muito bem situada capela de Santiago), lugar da freguesia de Bornes de Aguiar, Pedras Salgadas, Sabroso e Oura (freguesia com Santiago por Orago).

8.1.1. por Redial

Oura, Vidago, Valverde, Pereira de Selão e Redial⁽⁴⁸⁾ (capela de Santiago), da freguesia de Vilela do Tâmega; ou Oura, Vila Verde, Fornos e Redial (ver 8.1.3.). O seguimento de Redial para Chaves é mais claro: Redial, Vila Nova, Outeiro Jusão e Chaves⁽⁴⁹⁾. Segue em 16.

8.1.2. por Samelos

Oura, Vidago, Anelhe, Redordondo, Redondelo, Sapelos e Seara Velha (freguesia de Santiago)⁽⁵⁰⁾. Segue em 9.4..

⁽⁴⁸⁾ Redial é uma velha povoação pertencente à freguesia de Vilela do Tâmega, com imenso interesse arquitectónico, e velho cruzamento de antigos caminhos. Aqui há uma capela de Santiago, relativamente recente, pois, sendo a anterior muito pequena e atravancando o caminho, foi construída uma nova um pouco ao lado. Daqui podia seguir-se ainda, por Vilarinho das Paraneiras, para Anelhe e Seara Velha (ver 8.1.2.), Valdegas e Boticas, ou Arcossó e Capeludos (ver 12.1.1.). Este lugar aparece também dito Rodial ou Rodeal.

⁽⁴⁹⁾ Depois de muito observar e perguntar, ficamos convencidos que as várias hipóteses de trajectos a passar em Redial foram mais modernamente substituídas pela seguinte alternativa: Oura, Selhariz, Vilas Boas (freguesia com S. Gonçalo por Orago), S. Pedro de Agostém, Paradela da Veiga e Chaves.

⁽⁵⁰⁾ A paroquial de Seara Velha tem bastos motivos de interesse para uma visita cuidada. A merecer referência especial, o cavalo de Santiago da frontaria que a figura do Apóstolo, tudo em granito, caiu ao ser colocada no lugar matando o artista (popular) que esculpira o conjunto. Recentemente, um outro artista popular preparou uma imagem de Santiago para um pequeno nicho levantado, por promessa, em lugar não longe da paroquial.

8.1.3. por Vilas Boas

De Oura, podia ainda seguir-se por Vila Verde, Fornos, Vilas Boas⁽⁵¹⁾ (freguesia com S. Gonçalo por Orago), Ventozelos, Agostém, S. Pedro de Agostém, Paradela da Veiga e Chaves.

8.2. Vila Chã/Seara Velha ou Chaves

Do Pinhão para Vila Chã, veja-se em 8.1.. Seguiu-se depois por Carvalho, Cal de Bois, Vale de Cunho, ponte romana de Murça, Murça (lugar, capela de Santiago, imagem do Apóstolo na paroquial, e albergaria⁽⁵²⁾), S. Domingos, Ribeirinha, (ao fundo de) Valongo de Milhais⁽⁵³⁾ (freguesia com S. Gonçalo por Orago), Serapicos, Toubres, Jou, Vale de Égua, Carrazedo de Montenegro⁽⁵⁴⁾, Varges (capela de S. Gonçalo), Nozedo, Corveira, Serapicos, France, Lagarelhos e Peto. A partir daqui ver 9.4..

⁽⁵¹⁾ Referindo-se à citada freguesia de Vilas Boas, escrevia o Abade de Miragaia: «O Orago, S. Gonçalo, que não é — nem podia ser —, das remotas devoções, concorda com o relativo tardio da erecção» (citado no verbete «Vilas Boas» da Enciclopédia Luso-Brasileira).

⁽⁵²⁾ O actual edifício da Câmara Municipal que, a partir de 1587, foi Mosteiro de religiosas beneditinas, foi inicialmente uma albergaria: «hum Hospital pera agasalhar pobres & peregrinos», como diz Fr. Leão de S. Tomás em «*Benedictina Lusitana*» (edição crítica de José Mattoso, tomo 2, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1974, pp. 394/395).

⁽⁵³⁾ Sobre a origem do culto de S. Gonçalo nesta freguesia de Valongo, limitamo-nos a citar: «O culto prestado a S. Gonçalo leva os investigadores a pensar que nos primórdios da Monarquia a colegiada de Guimarães era possuidora de bens deste termo, tendo concretamente sob a sua alçada a ermida aí existente e onde era venerado aquele santo, podendo isto mesmo estar ligado a qualquer doação feita no período medieval ao mosteiro da Condessa Mumadona» (João Luís Teixeira Fernandes, *Murça — História, Gentes, Tradições*, Edição da Câmara Municipal de Murça, 1985, p. 97). Apontaríamos para o facto uma razão menos hipotética, qual a de aqui ter surgido este culto pelo facto de se tratar de importante cruzamento de caminhos. De facto, para além do que acima se aponta, outro muito importante por aqui passava: o que, vindo do Douro, depois de passar em Murça e Valongo hoje dito de Milhais, seguia por Mascanho, rio Curros, Granja, Tresminas, importante centro mineiro romano, Covas, Vilarelho, Tinhela de Cima e Vila Meã, lugar da freguesia de Bornes de Aguiar, onde há uma capela de Santiago (ver 8.1.). Quem seguia por este caminho na direcção sul-norte tinha à sua direita a Serra de Santiago, na margem esquerda do rio Tinhela, com cerca de 10 Km de comprimento e 5 de largo, ramificação da Serra da Garraia.

⁽⁵⁴⁾ A monumental igreja paroquial de Carrazedo tem, do seu lado esquerdo, um pórtico dedicado a S. Gonçalo de Amarante que, no género, é único, a testemunhar a importância deste verdadeiro cruzamento de antigos caminhos. No interior da igreja está colocada uma imagem de S. Roque, sem especial valor mas que testemunha certamente uma antiga devoção.



Portal lateral dedicado a S. Gonçalo da igreja de Carrazedo de Montenegro

8.3. do Pinhão a Torre do Pinhão

Pinhão, S. Cristóvão do Douro (o Orago é S. Cristóvão), Celeirós, Vilarinho de S. Romão, Sabrosa (capela de S. Roque), Souto, S. Lourenço de Ribapinhão, Parada de Pinhão, Cardacedo, Balsa, (ao fundo de) Fundões e **Torre do Pinhão** (freguesia de Santiago). A partir daqui, ver 10.

8.3.1. por Vila Verde

Vila Verde, freguesia do concelho de Alijó, foi, em tempos idos, um grande e importante cruzamento de caminhos, semelhante a tantos outros espalhados por toda a província que nos revelam um país pensado e organizado de outro modo. Bastaria para o provar uma rápida visita à aldeia e um observar breve da qualidade de tantas das suas casas. No centro, bem no centro da povoação, exactamente no ponto de confluência de todos os caminhos que aqui chegavam e daqui partiam, a capela de S. Gonçalo.

Aqui se chegava: de Sabrosa (ver 8.3.) ou Cheires (ver 8.5.) (capela de Santiago), passando por Vilar de Maçada; de Parada do Pinhão (ver 8.3.) e Balsa (trajecto que fazia parte da estrada romana Vila Real/Murça); de **Vila Chã** (freguesia de Santiago), passando por Francelos (ver 7.2., 8.1., 8.2. e 8.5.).

Daqui se partia para: Perafita, Carva e Alfarela de Jales (segue em 8.1. e 10.); Jorjais e **Torre do Pinhão** (freguesia com Santiago por Orago), donde se seguia como em 8.3. ou 10.; Freixo e Póculo (trajecto que fazia parte da estrada romana Vila Real/Murça). Segue em 8.1..

Mas o trajecto que aqui nos interessa sobretudo considerar é o que, de Sabroso, por Vilar de Maçada, chegava a Vila Verde e prosseguia depois por Perafita e Carva até Alfarela de Jales, donde seguia como em 8.1. ou 10..

8.4. Pinhão/Vila Real

Do Pinhão se subia até Sobrados⁽⁵⁵⁾ (lugar da freguesia de Passos onde há uma capela de Santiago), pela Quinta das Lamelas e Vilela; prosseguia-se depois a Roalde⁽⁵⁶⁾, Fonteita, e **Andrães** (freguesia de Santiago), Constantim (capela de S. Gonçalo), Vila Nova (lugar da freguesia de **Folhadela** que tem Santiago por Orago e onde houve uma Irmandade de S. Gonçalo) e Vila Real. Segue em 12..

Do Pinhão ou da Cachucha podia ainda subir-se a Covas do Douro e daí igualmente a Sobrados.

8.5. Ferrão/Vila Chã

Ferrão, Gouvinhas, Ordonho, Paradela de Guiães, Sobrados (lugar da freguesia de Passos onde uma capela de Santiago), Passos, Sabrosa, Cheires (lugar da freguesia

⁽⁵⁵⁾ Era este lugar de Sobrados um importante cruzamento de caminhos; chegava-se aqui do Pinhão (ver 8.4.), da Cachucha (ver 8.4.) ou do Ferrão (ver 8.5.) e passava-se daqui a Roalde (ver 8.4.) ou Sabrosa (ver 8.5.).

⁽⁵⁶⁾ Na capela de Santa Maria Madalena de Roalde, há uma imagem de S. Roque, bem como uma representação pictórica popular de Nossa Senhora da Veiga, uma tradição local.

de Sanfins do Douro onde existe uma bela capela de Santiago acabada de estragar com a colocação de horrorosos azulejos na frontaria barroca), Sanfins do Douro, Agrelos e Vila Chã (freguesia com Santiago por Orago). Segue como em 8.1..

9. A partir de Mirandela

Mirandela assumiu, desde há muitos séculos, uma grande importância na economia da região transmontana. Por ali passavam, portanto, inúmeros caminhos, ontem como hoje, e muitos peregrinos compostelanos.

Na história de Mirandela, abundam as referências ao Apóstolo. Assim, na sua antiga muralha, existiu uma Porta de Santiago, voltada para a Praça do Município,



Imagem de Santiago que encimava a derrubada capela daquela invocação encastada na muralha de Mirandela

sobre a qual havia sido construída uma pequena capela de Santiago: «a sua capacidade era reduzidíssima, pois para mais não dava a largura da muralha. Era exteriormente encimada por uma imagem de pedra representando o Apóstolo S. Tiago, a cavalo, e empunhando uma lança» que está hoje colocada por sobre a frontaria do Paço dos Condes de Vinhais, na Praça 5 de Outubro. Arco e capela de Santiago foram derrubados em 1880, com o fito de se proceder ao alargamento da rua.

Era esta capela pertença da família Pinto Cardoso, detentora do «Morgado de S. Tiago de Mirandela», instituído em 1589.

Realizava-se em Mirandela uma feira de Santiago, como consta de um relatório paroquial de 1755 ⁽⁵⁷⁾.

A cidade conserva hoje uma Rua de Santiago e tem pelo menos um estabelecimento comercial com o nome do Apóstolo.

9.1. para Vinhais

Mirandela, Vila Nova das Patas da freguesia de Carvalhais (onde uma quinta com capela de S. Gonçalo), Valbom dos Figos, Mascarenhas, Couços, Múrias ⁽⁵⁸⁾, Regodeiro, Vilarinho do Monte, Nozelos, Vilarinho de Agrochão ⁽⁵⁹⁾, Agrochão (em cuja paroquial está uma curiosa — embora recente — imagem de Santiago Matamouros), Penhas Juntas, Vilar de Peregrinos ⁽⁶⁰⁾, Cidões, Ermida, Vinhais e Rio de Fornos. Segue como em 3..

⁽⁵⁷⁾ Informações recolhidas em Padre Ernesto Augusto Pereira de Sales, *Mirandela (Apontamentos históricos)*, Vol. II, edição da Câmara Municipal de Mirandela, 1983, pp. 9, 58 e 74/77).

⁽⁵⁸⁾ Imagem de S. Roque na paroquial.

⁽⁵⁹⁾ Na Igreja paroquial de Vilarinho de Agrochão, há uma imagem de S. Jorge. Sabendo nós que S. Jorge substituiu Santiago nos tempos da Guerra da Independência, será lícito pensar que S. Jorge terá substituído também aqui a devoção ao Apóstolo?

⁽⁶⁰⁾ Vilar de Peregrinos é uma freguesia toponomicamente muito curiosa. A actual teve origem numa outra, mais antiga, dita S. Cibrainho (diminutivo de S. Cibrão, hagiotopónimo que por sua vez é corrupção de S. Cipriano). De facto, na área desta freguesia, há um lugar designado com aquele nome, onde existe uma capela hoje dita de S. Jorge. Não nos custa crer que esta capela tenha sido a paroquial primitiva, embora se trate hoje de uma capela de S. Jorge, uma das devoções substitutas de Santiago, implantada em Portugal no tempo de Guerra da Independência. Recordamos que, aqui muito perto, em Vilarinho de Agrochão, há uma situação igual.

Chama-se hoje a freguesia Vilar de Peregrinos. Vilar, porque fragmentação de uma «villa» matriz, certamente a de S. Cibrainho; «de Peregrinos», pois «por esta região bragançana, ..., passava uma das vias mais favoráveis às peregrinações constantes e longínquas a Santiago de Compostela» (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira). O nome primitivo da paróquia, «Villa Sancti Cipriani», terá sido substituído pelo actual no séc. XIII.

9.2. por Rebordelo

Mirandela, Vila Nova das Patas, ponte da Formigosa sobre o rio Tuela, Vale Juncal, Abambres, (proximidades de) Vale Martinho, Quintãs, (ao lado de) Vale Gouvinhas, Valbom, Pitez ⁽⁶¹⁾, Bouça ⁽⁶²⁾, Pádua-Freixo ⁽⁶³⁾, Soutilha, Chairros Carriça, Rebordelo ⁽⁶⁴⁾, Nossa Senhora da Penha de França ⁽⁶⁵⁾, Lampaças, Vilartão, Lebução, Pedome e **Tronco**. A partir daqui ver a alínea seguinte.

9.3. para Mairós

Mirandela, Eixes, Lilela, Rio Torto (ponte romana) ⁽⁶⁶⁾, Valverde, Possacos, Lagoas e Vilarandelo, Alvarelos (capela de S. Gonçalo), Tinhela, Nozelos, **Tronco** (freguesia de Santiago), Paradela, Mairós (capela de Santiago) e Feces ou Arzádigos (já em Espanha).

De Alvarelos podia seguir-se para Oucidres (antiga capela de Santiago e imagem do Apóstolo na paróquia), e daí para Mairós (capela de Santiago) ou para Lama de Arcos (por Águas Frias, Santo António de Monforte e Vila de Frade), e daí para Feces (em Espanha).

⁽⁶¹⁾ De Valbom Pitez passava-se a Santa Valha, concelho de Valpaços, por Bouça e Rio Rabaçal (que se atravessava em barca. Ver 9.3.2. e 9.4..

⁽⁶²⁾ Nesta povoação, existiu uma Estalagem de origem romana que deve ter subsistido até à época «medieval ou renascentista» (Ver Belarmino Afonso, *A Via Romana de Braga a Astorga...*, in *Actas do I Congresso Internacional Astorga Romana*, pp. 257/270, edição do Exmo. Ayuntamiento de Astorga, 1986).

⁽⁶³⁾ De Pádua Freixo podia seguir-se directamente a **Tronco**, concelho de Chaves, freguesia com Santiago por orago, por Sonim, rio Rabaçal (que se atravessava em poldras), Fiães, Nozelos e Tronco (ver 9.3.).

⁽⁶⁴⁾ Re Rebordelo partiam dois caminhos. Um passava entre Vale Paço e Curopos, e seguia a Sobreiró de Cima e Zido (ver 3.); o outro seguia por S. Junil, S. Gonçalo (lugar da freguesia de Cimo de Vila da Castanheira onde há uma capela de S. Gonçalo e se atravessava a confluência dos rios Mente e Mousse numa barca), Urjais e S. Vicente, donde seguia para Espanha.

⁽⁶⁵⁾ Não deixamos de interrogar-nos sobre este hagiotopónimo e respectiva capela, perdidos na serra transmontana. Trazida para aqui a devoção por qualquer dominicano influenciado pelo convento da vizinha serra salmanticense? Não é verdade que, lá, os dominicanos ergueram uma albergaria?

⁽⁶⁶⁾ De Rio Torto, mais modernamente, passou a seguir-se directamente por Valpaços para Vilarandelo. De Valpaços podia ainda seguir-se por Sanfins, Vassal, Parada, Cancelo, Alvites (à saída deste lugar há uma capela de S. Gonçalo, mesmo ao lado do caminho) e Vilela. A partir daqui, ver 9.4.. Seguiu-se ainda de Valpaços directamente para Santa Valha, por Vale de Casas (capela de S. Gonçalo ao lado do caminho) e Fornos do Pinhal. Depois de Santa Valha, ver 9.3.2..

9.3.1. Vilarandelo/Chaves

Vilarandelo, Alto do Cavaleiro, Alto das Giestas, S. Julião de Montenegro (fresco de S. Gonçalo recentemente descoberto na paróquia de origem românica), S. Lourenço, Castelo de Eiras (a estrada passava-lhe ao lado) onde há uma capela ⁽⁶⁷⁾ de **Santiago**, Eiras (curioso cruzeiro jacobeu) e Chaves. Segue em 16..

9.3.2. por Santa Valha

De Rio Torto, podia seguir-se, por Valverde, Possacos, para Fornos do Pinhal, Santa Valha ⁽⁶⁸⁾, Fiães, Nozelos e **Tronco**, freguesia de Santiago. Segue em 9.3..

9.4. para Seara Velha/Vilar de Perdizes ou Chaves

Mirandela, Campa Sois, Eixes, Lilela, Rio Torto, Sanfins, Paradela ⁽⁶⁹⁾, **Santiago de Ribeira de Alhariz** (freguesia de Santiago), Vilela, Vila Nova, Vilaranda, Ladário, Nogueira da Montanha, Santiago (capela do Apóstolo), Lagarelos, Peto, Agostém, Bóbeda, Curalha, Pastoria, **Seara Velha** (freguesia de Santiago), Meixide e Vilar de Perdizes.

A partir deste caminho, podia descer-se a Chaves: de Nogueira da Montanha, por Gondar, Maços e Vilar de Nantes; do Peto de Lagarelos, por Sesmil e Samaiões; ou, de S. Pedro de Agostém, por Paradela de Veiga. A partir de Chaves, ver 16..

(continua)

⁽⁶⁷⁾ Esta capela é das muito poucas que conhecemos situadas não ao lado de qualquer velho caminho mas no alto de um monte significativamente chamado «Castelo», o que nos faz pensar na preexistência de um primitivo lugar de culto pagão, o mesmo é dizer nos faz supor uma devoção de substituição.

⁽⁶⁸⁾ A actual residência paróquia de Santa Valha foi originariamente uma albergaria de peregrinos, como o diz uma inscrição colocada no muro exterior: «PAVPERES SEMPER HABETE VOBISCVM / MARTIM VELHO BARRETTO ABBADE NESTE / LVGAR DEDICA A DEVS ESTA CAZA P(a) POBRES / PEREGRINOS ANNO DE 1695».

⁽⁶⁹⁾ Desta povoação da Paradela, ou mesmo da seguinte, **Santiago de Ribeira de Alhariz**, freguesia com o Apóstolo por Orago, podia passar-se a Vilarandelo por Cancelo, Monsalvarga e Lamas. A partir de Vilarandelo, ver 9.3. e 9.3.1..